

## Metodologia das células cooperativas

### *Cooperative cell methodology*

Paulo César Moreira Campos<sup>1</sup>, Ana Maria Parente Garcia Alencar<sup>2</sup>, Francisco Ivo Gomes de Lavor<sup>3</sup>, Sandra Maijane Soares de Belchior<sup>4</sup>, Maria José Soares de Belchior<sup>5</sup>, Verônica Cristian Soares de Belchior<sup>6</sup> & Márcia Janiele Nunes da Cunha Lima<sup>7</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho de pesquisa consistiu em uma análise, realizada a partir de pesquisas envolvendo autores que sustentam que a metodologia em células cooperativas é uma medida socioeducativa que gera uma aprendizagem de forma significativa. O estudo tem como objetivo apresentar um breve histórico do surgimento da Aprendizagem Cooperativa até os dias atuais; fomentar a vivência da aprendizagem rogeriana em sala de aula, dando ênfase aos princípios e recursos oferecidos; demonstrar a importância atrelada a medida socioeducativa que se processa no ensino-aprendizagem como prática pedagógica eficiente, que desenvolve autonomia e habilidades, onde os educandos se ajudam e confiam uns nos outros para atingir um objetivo, e, dessa forma, dar continuidade aos estudos, garantindo sua inserção no Ensino Superior.

**Palavras-chave:** Educação. Medidas Socioeducativas. Aprendizagem Significativa. Aprendizagem Cooperativa.

**ABSTRACT:** The present research work consisted of an analysis, carried out based on research involving authors who maintain that the methodology in cooperative cells is a socio-educational measure that generates significant learning. The study aims to present a brief history of the emergence of Cooperative Learning to the present day; promote the experience of Rogerian learning in the classroom, emphasizing the principles and resources offered; demonstrate the importance attached to the socio-educational measure that takes place in teaching-learning as an efficient pedagogical practice, which develops autonomy and skills, where students help and trust each other to achieve a goal, and, thus, continue their studies, ensuring their insertion in Higher Education.

**Keywords:** Education. Educational measures. Meaningful Learning. Cooperative learning.

### INTRODUÇÃO

Este estudo teórico parte de questionamentos no que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos estudantes em obter uma aprendizagem significativa e poder dar continuidade aos estudos. A escolha desse tema está ligada à necessidade de encontrar estratégias que permitisse otimizar a aquisição de competências e habilidades no sentido de efetivar aprendizagens significativas que ajudem o educando a desenvolver seu potencial cognitivo. As escolas atuais, na sua maioria, permanecem com as mesmas metodologias a décadas, ou seja, não acompanhou a evolução sócio tecnológica da sociedade moderna. Partindo desse ponto de vista, surge a necessidade de encontrar metodologias mais eficazes e atrativas que sinalize uma formação e preparação do educando de modo a torná-lo motivado a se perceber como parte de uma sociedade em que está inserido e fazendo parte dela.

A sociedade atual é fruto de inúmeros fatos históricos e é sabido que para um país se desenvolver tem que se investir prioritariamente em educação de qualidade. Pode-se citar, por exemplo, a Alemanha e Japão que foram totalmente destruídas após a Segunda Guerra Mundial e graças a investimentos pesados na educação conseguiram

reconstruir o potencial econômico e social, antes do prazo estipulado.

No Brasil, há uma precariedade em todos os níveis de ensino-aprendizagem e, estima-se que 14,6 de brasileiros são analfabetos absolutos e 30 milhões com mais de 15 anos de idade são analfabetos funcionais. Pouco mais de 1% da população brasileira frequenta o ensino superior, diferente do que acontece nos países desenvolvidos, onde esse percentual chega a 5%.

Partindo do pressuposto das dificuldades na efetivação de uma aprendizagem significativa, foi realizado no ano de 2010, em Ouro Preto o XV Encontro Latino-americano de Abordagem Centrada na Pessoa, onde foram apontadas as dificuldades enfrentadas por professores e alunos, Ressaltamos duas entre as dificuldades apontadas na discussão, dentre elas podemos citar: a dos alunos, o modelo tradicional de ensino (conteudista e com foco nas notas) onde envolvem os educandos em aprendizagem autodirigida, em que não serão mais guiados e a dos professores em criarem formas de proporcionar tal aprendizagem, que exige flexibilidade e criatividade, por estar voltada muito mais para um pressuposto das relações humanas do que num modelo a ser aplicado.

Nas discussões travadas no encontro latino de ACP de 2011, pode-se perceber a escassez de espaços de

Recebido em: 22/04/2020 e Publicado em: 12/05/2020.

<sup>2</sup>Professora associada do curso de graduação em enfermagem e do mestrado acadêmico em enfermagem da universidade regional do cariri em Crato-CE.

INTESA – Informativo Técnico do Semiárido(Pombal-PB) v.14, n 1, p.48-55, jan –jun , 2020.

espaços de compartilhamento de experiências a cerca dessa temática. Tais espaços são essenciais pelo fato de promover reflexões sobre o cotidiano da sala de aula que preza por uma aprendizagem significativa, tão na contramão do sistema de educação em que estamos inseridos.

A partir daí, surge a necessidade de se utilizar um método que possa resolver problemas e aumentar a produtividade. É aí que surge a colaboração. Sem a colaboração entre seus membros, a sociedade não pode sobreviver, pois um dos fatores que garantiu a sobrevivência do homem foi o coletivismo, o qual possibilita a troca de conhecimento e agilidade no cumprimento de metas e objetivos compartilhados

Tal pensamento articula-se com a proposta deste trabalho de apresentar mais como via de reflexão e estímulo a experimentação, princípios e recursos da aprendizagem cooperativa. Um exemplo real onde se pode verificar resultados positivos é o Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) realizado pela UFC (Universidade Federal do Ceará) que pôs em prática a Aprendizagem Cooperativas e conseguiu a efetivação de aprendizagens significativas.

De acordo com a bibliografia consultada são inúmeras as investigações que confirmam as potencialidades da aprendizagem cooperativa no desenvolvimento de competências cognitivas e sociais. O objetivo principal deste artigo será o enquadramento teórico da metodologia em Aprendizagens Cooperativas.

### **Aprendizagem cooperativa significativa centrada na pessoa**

A aprendizagem cooperativa é uma metodologia educacional que visa organizar grupos de alunos em experiências de aprendizado significativo. O sentido da metodologia da Aprendizagem Cooperativa é de que se estabeleça o espírito de parceria entre os alunos. Segundo Lopes e Silva (2009, p. 4, 3 e 5) a Aprendizagem Cooperativa é uma metodologia com a qual os alunos se ajudam no processo de aprendizagem, actuando como parceiro entre si e com o professor, visando adquirir conhecimentos sobre um dado objeto” e defendem ainda que a cooperação é “a convicção plena de que ninguém pode chegar à meta se não chegarem todos” concluindo que “a aprendizagem cooperativa é um método de ensino referente a grupos pequenos e heterogêneos de estudantes trabalhando em conjunto para alcançarem objetivos em comum”.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), de Vygotsky, é outra teoria sobre a importância do estudo em grupos de aprendizagem. A participação de uma pessoa na resolução conjunta de um problema pode mudar seu entendimento sobre ele, esse mecanismo é chamado de “apropriação” conceito de ZDP, ou seja, a diferença entre quanto é possível para uma pessoa aprender sozinha e com ajuda de uma outra pessoa. Estes autores sintetizam seis dos elementos mais importantes da definição do campo de aprendizagem cooperativa:

1. A aprendizagem é um processo inerente individual, não coletivo, que é influenciado por uma variedade de fatores externos, incluindo as interações em grupo e interpessoais.

2. As interações em grupo e interpessoais envolvem um processo social na reorganização e na modificação dos entendimentos e das estruturas de conhecimento individuais e, portanto, a aprendizagem é simultaneamente um fenômeno privado e social.

3. Aprender cooperativamente implica na troca entre pares, na interação entre iguais e no intercâmbio de papéis, de forma que diferentes membros de um grupo ou comunidade podem assumir diferentes papéis (aprendiz, professor, pesquisador de informações, facilitador) em momentos diferentes, dependendo das necessidades.

4. A cooperação envolve sinergia e assume que, de alguma maneira, “o todo é maior que a soma das partes individuais”, de modo que aprender, desenvolvendo um trabalho cooperativo, pode produzir ganhos superiores à aprendizagem solitária.

5. Nem todas as tentativas de aprender cooperativamente serão bem-sucedidas, já que, sob certas circunstâncias, pode levar à perda do processo, falta de iniciativa, mal-entendidos, conflitos e descrédito: os benefícios potenciais não são sempre alcançados.

6. Aprendizagem cooperativa não significa necessariamente aprender em grupo, implicando na possibilidade de poder contar com outras pessoas para apoiar sua aprendizagem e dar retorno se e quando necessário, no contexto de um ambiente não competitivo (LOPES & SILVA, 2009, p. 4).

Explica Vygotsky(1987, p. 211; 1998b p. 202), é “a distância entre o nível real de desenvolvimento determinado pela resolução de um problema de forma independente e o nível potencial de desenvolvimento, como determinado através da resolução do problema sobre orientação de um adulto ou em colaboração com pares aptos.” A este respeito faz todo sentido o referido por Vygotsky (1934, p. 104) “a criança fará amanhã sozinha aquilo que hoje é capaz de fazer em cooperação”.

A Aprendizagem Cooperativa não é uma metodologia nova e tem uma história bem antiga. Segundo Johnson e Johnson 1982 (apud LOPES, SANTOS, 2009, p. 13):Não foi em vão “que a capacidade para trabalhar cooperativamente foi um dos fatores que mais contribuiu para a sobrevivência da nossa espécie. Ao longo da história humana, foram os indivíduos que organizavam e coordenavam os seus esforços para alcançar uma meta comum, os que tiveram o maior êxito em praticamente todo o empreendimento humano”.

Na verdade, não há ao certo informações que comprovem a origem da aprendizagem cooperativa. Entretanto Johnson et. Al (1998) reconhecem indícios que apontam a Grécia clássica em que registros milenares que Sócrates ao ensinar seus discípulos em grupo engajava-os em diálogos, em sua famosa maiêutica. Nisto, estes que são considerados autores dessa abordagem na atualidade reconhecem um dos adventos da aprendizagem numa perspectiva cooperativa. É para nós também evidente que existem reminiscências desse tipo de ensino-aprendizagem nas traduções milenares de diversos povos indígenas, africanos, asiáticos etc.

Segundo Lopes e Silva (2009, p.7) a aprendizagem cooperativa é uma ideia bem antiga vejamos como eles se pronunciam: Em diversos escritos antigos, entre os quais se encontra a Bíblia e o Talmude, aparecem referências explícitas à necessidade da colaboração entre indivíduos. Na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de Eclesiastes (AT, v. 9-10) talvez do séc. III a.C., encontramos essa passagem sobre a vida solidária e a vida em comum: “É melhor serem dois do que um só, assim obterão mais rendimento no trabalho. Se cair o outro levanta! Mas o homem que está só se cair não há ninguém para levanta-lo!”

Já Quintiliano afirmava que os seus discípulos poderiam se beneficiar ensinando uns aos outros. Comenius (1592-1679) também acreditava nessa reciprocidade positiva no ato de ensinar e aprender entre os estudantes (LOPES; SILVA, 2009, p.7). Para além da aprendizagem dos conteúdos científicos específicos, é importante desenvolver nos alunos competências sócias que permitam a sua intervenção e transformação na sociedade de que fazem parte. Assim.

A par do domínio de conhecimento e de preparação técnica, a sociedade em geral, e o mercado de trabalho, em particular, esperam que a escola habilite os jovens com competências que lhes possibilitem trabalhar em equipe, intervir de forma autônoma e crítica e resolver problemas de uma forma colaborativa (LOPES & SILVA, 2009, p. 9).

Durante a Idade Média eram comuns os artesãos se dividirem em pequenos grupos em que os mais experientes, sob a orientação do mestre ensinavam suas habilidades aos menos experientes. Porém, as pesquisas sistematizadas sobre a eficiência da aprendizagem cooperativa começam no final do século XIX na Inglaterra e nos EUA e, hoje, estão em muitas universidades, em diversos países.

No Renascimento, Johann Amos Comenius acreditava que os alunos eram beneficiados com essa troca de conhecimento e que aprendiam quando ensinavam e eram ensinados por outros. Esse pensamento está na obra de *Didática Magna* de 1592 (LOPES & SILVA, 2009). No decorrer do século XIX e século XX houve uma ênfase acentuada na aprendizagem cooperativa na Inglaterra e

Estados Unidos onde começam de fato as pesquisas sistematizadas sobre a eficácia dessa metodologia de ensino-aprendizagem.

A linha tradicional de ensino, que remonta do século XVIII, a partir do Iluminismo, que tinha como objetivo universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento. Nesse modelo tradicional a relação professor-aluno é vertical, submissa e apática, onde o aluno tem medo de se expor em público.

Posteriormente, ao longo de todo o percurso da história, temos relatos de diversas experiências cooperativas. De 1870 a 1900, Francis Parker, superintendente das escolas públicas de Quincy em Massachussets, foi responsável por potencializar a aprendizagem cooperativa nas escolas e por iniciar um movimento cooperativo com mais de 30.000 professores. Exaltando a liberdade e a democracia Francis Parker citado por Orvejero comentava “as crianças são colaboradoras naturais e sua maior diversão, depois da descoberta da verdade, é partilha-la com os colegas”. (apud LOPES, SANTOS, 2009, p. 9).

John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo dos Estados Unidos, também incorporou nos seus trabalhos de ensino a utilização de grupos cooperativos. Para ele, o professor ao ensinar, além de educar, contribui para uma vida mais justa. Em sua obra *Democracy and Education* (1946), segundo LOPES, SANTOS, 2009, a escola é um espaço de vida e trabalho em que professores e estudantes, em atividades partilhadas, aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

De 1900 a 1970, a aprendizagem cooperativa foi experimentada em diversos países europeus, Alemanha, Portugal, França. Nos anos 70, os irmãos Johson, 1975; Sharan e Sharan, 1976; Aronson e seus companheiros, em 1978 e outros, fazem ressurgir a aprendizagem cooperativa.

No Brasil, a aprendizagem cooperativa é extremamente nova, existem alguns estudos sobre a ideias e algumas experiências isoladas quase sem nenhuma divulgação. Já no Ceará, o PRECE – Programa de Educação em Células Cooperativas, utiliza o sistema de estudo em células cooperativas, com os mesmos princípios dessa metodologia. No quadro a seguir encontram-se os principais eventos relacionados à história da aprendizagem cooperativa.

<b>Data</b>	<b>Eventos Relacionados</b>
Começo do século XX	A Escola Lancaster se estabeleceu nos Estados Unidos (Joseph Lancaster e Andrew Bell usaram grupos de aprendizagem cooperativa extensivamente na Europa e trouxeram a ideia para os EUA em 1806, Nova York). O Movimento da Escola Comum nos EUA: forte ênfase na aprendizagem cooperativa.
Final do século XIX	Coronel Frances Parker: Promoveu a aprendizagem cooperativa, democracia e a devoção à liberdade nas escolas públicas.
Começo do século XX	Movimento da Escola Nova: John Dewey e outros; Dewey promoveu grupos de aprendizagem cooperativa como parte do seu famoso projeto de método de instrução. Teoria da Interdependência Social & Dinâmica de Grupo: Kurt Koffka & Kurt Lewin, Psicólogos da Gestalt.
Anos 40	Teoria e pesquisas sobre cooperação e competição: Morton Deutsch.
Anos 50	Teoria da aprendizagem cognitiva: Jean Piaget e Lev Vygotsky. Movimento de dinâmica em grupo aplicado. Deutsch, Laboratórios Nacionais de Treinamento. Pesquisas de Deutsch sobre confiança, situações individualistas; Estudos Naturalísticos.
Anos 60	Pesquisas de Stuart Cool sobre cooperação. Pesquisas de Spencer Kagan sobre cooperação e competição em crianças. Movimento de Aprendizagem por Investigação (descoberta):

	Bruner, Suchman. B. F. Skinner, Aprendizagem Programada, Modificação de Comportamento. David e Roger Johnson começaram a treinar professores em aprendizagem cooperativa na Universidade de Minnesota.
Anos 70	David Johnson escreveu <b>Psicologia Social da Educação</b> . Robert Hamblin: Pesquisa comportamental sobre cooperação/competição. Primeiro Simpósio Anual de AP A (entre os apresentadores estavam David e Roger Johnson, Stuart Cook, Elliot Aronson, Elizabeth Cohen, e outros). Revisão das pesquisas de David e Roger Johnson sobre cooperação/competição. Robert Stalin começou o desenvolvimento de currículos cooperativos. Shlomo e Yael Sharen, Ensino em pequenos grupos (investigação em grupo). Eliot Aronson, Sala de aula Jigsaw (quebra-cabeça). Edição sobre Cooperação do <b>Jornal de Pesquisa e Desenvolvimento em Educação</b> . Primeira conferência Internacional sobre aprendizagem cooperativa, Tel Aviv, Israel.
Anos 80	David e Roger Johnson, Meta-análise de pesquisa e Cooperação. Elizabeth Cohen, <b>Desenhando Células de Trabalho</b> . Spencer Kang desenvolveu Abordagens Estruturais para Aprendizagem Cooperativa David e Roger Johnson escreveram <b>Cooperação &amp; Competição: Teoria &amp; Pesquisa</b> .
Anos 90	A aprendizagem cooperativa ganha popularidade entre educadores do ensino superior. Primeira conferência anual sobre Liderança em Aprendizagem Cooperativa, Minneapolis. David e Roger Johnson e Karl Smith adaptaram a aprendizagem cooperativa para a sala de aula de faculdades, e escreveram. <b>Aprendizagem Ativa: Cooperação na Sala de Aula da Faculdade</b> .

A escola com Aprendizagem Cooperativa vem para substituir a escola com metodologia tradicional, que por sua vez, é centrada no professor, na transmissão de conhecimentos e valorização do conhecimento determinado pelo currículo escolar. Esse modelo Tradicional é denominado, por Paulo Freire, como ensino bancário. Sobre o ensino bancário, o autor salienta que é possível o educando dar “[...] a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do bancarismo” (FREIRE, 1996, p. 27). Para Freire, o necessário é que

[...] subordinado, embora, a prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se de certa forma o imuniza contra o poder apassivador do bancarismo. [...]. É a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar (FREIRE 1996, p. 27).

Abordagem Centrada na Pessoa desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers (1902-1986) a partir de preocupações relativas à prática clínica, teve repercussão em diferentes áreas, para além da psicoterapia, como na resolução de conflitos, nos pequenos e grandes grupos e na educação (WOOD, 1983; 2008), está o último foco deste trabalho.

A temática da educação encontra-se inicialmente presente na obra desse autor em suas reflexões e

Fontes e Freixo (2004, p. 30) resume as principais características entre grupos de trabalho cooperativo e os grupos de trabalho tradicional.

<b>Grupo de trabalho cooperativo</b>	<b>Grupo de trabalho tradicional</b>
Interdependência positiva	Não há interdependência positiva
Responsabilidade individual	Não se assegura a responsabilidade individual.

experiências como professor universitário preocupado com a formação de terapeutas (ROGERS, 1975). Sempre arraigada à sua experiência pessoal, tais reflexões alcançaram, ao longo do tempo, críticas profundas ao modelo convencional de educação e se organizam em torno de uma proposta de educação, a centrada no estudante: Sobre tais críticas, numa entrevista a Richard Evans, Rogers (EVANS, 1979, p. 66) comenta:

Acho que minha crítica mais profunda ao sistema educacional [...] é que ele se baseia na desconfiança ao estudante. Não confia nele para deixa-lo seguir suas próprias inspirações: dirigi-o; diz-lhe o que deve pensar, diz-lhe o que aprender.

Diferentemente do modelo convencional, na proposta centrada no estudante; o ensino, a transmissão de conhecimento elencada por uma figura de autoridade, cede lugar a preocupações com a aprendizagem, aquisição de novos conhecimentos, gerando mudanças de percepção e de comportamento tanto nos alunos quanto nos professores (ROGERS, 1977; 1997). A Aprendizagem Centrada no Aluno (ou aplicação da Abordagem Centrada na Pessoa à Educação) é claramente explicitada por Carl Rogers em duas obras fundamentais “Liberdade para Aprender” (1973, 2ª Edição) e “Liberdade de Aprender na Nossa Década” (1983, 1ª Edição), nas quais desenvolve as suas ideias sobre as formas mais adequadas de facilitar o processo de aprendizagem, apesar de ao longo da sua obra ter refletido inúmeras vezes sobre esta temática.

Aplicação das competências cooperativas.	As competências cooperativas podem ser espontaneamente aplicadas.
Liderança e partilha de responsabilidades.	A liderança normalmente é feita por um aluno e as responsabilidades não são partilhadas.
Todos os elementos contribuem para o êxito do grupo.	O êxito do grupo muitas vezes só depende do contributo de um ou alguns elementos.
Observação e <i>feedback</i> por parte do professor ao grupo.	O professor não observa o grupo ou fá-lo esporadicamente pelo que o trabalho se faz fora de sala de aula.
O grupo avalia o seu funcionamento e propõe objetivos para o melhorar.	O grupo não avalia sistematicamente o seu funcionamento.

Fontes e Freixo (2004) consideram a aprendizagem cooperativa como o trabalho dos alunos em grupos de reduzidas dimensões, com objetivos previamente definidos para realizarem uma determinada tarefa. Realçam

que o trabalho em pequenos grupos promove a aprendizagem cooperativa e apresentam resumidamente os aspectos da cooperação que são essenciais para a aprendizagem como patente na tabela abaixo:

Objetivos	Os alunos da turma formam pequenos grupos preferencialmente heterogêneos, de forma que todos aprendam os conteúdos e as atitudes previamente estabelecidas.
Níveis de ocupação	A cooperação pode estender-se a toda a turma (permitindo que todos os alunos consigam aprender os conteúdos lecionados) e à escola (permitindo que todos os alunos da escola progridam).
Esquemas de interação	Os alunos estimulam o êxito de todos e de cada um. Discutem os conteúdos entre si procurando soluções para realização da atividade, escutam as explicações e opiniões dos colegas, esforçam-se para atingirem os objetivos comuns ajudando-se mutuamente, quer a nível da aquisição de conhecimentos quer no desenvolvimento de competências e aptidões. Esta interação deve verificar-se tanto dentro do grupo como entre os diferentes grupos.
Avaliação dos resultados	A avaliação baseia-se em critérios previamente estabelecidos que devem ser tanto do domínio cognitivo como do domínio das competências. Esta avaliação processa-se tanto a nível individual como grupal.

Aspectos da cooperação (Fontes e Freixo, 2004, p. 28)

A aprendizagem cooperativa tem sido objeto de várias pesquisas ao longo do tempo, tendo-se desenvolvido várias estruturas de aprendizagem cooperativa. As suas características não são estanques. No entanto, toas têm em comum o facto de os alunos trabalharem em conjunto para

atingir um objetivo comum. Na tabela que se segue estão escritas as características comuns a todas as dinâmicas de aprendizagem cooperativa e as características específicas de algumas delas.

<b>Características comuns às diversas abordagens de aprendizagem cooperativa:</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tarefas comuns ou atividades de aprendizagem apropriadas ao trabalho de grupo</li> <li>2. Pequenos grupos de aprendizagem</li> <li>3. Comportamentos cooperativos</li> <li>4. Interdependência positiva</li> <li>5. Responsabilidade individual</li> </ol>
<b>Características variáveis das diversas abordagens da aprendizagem cooperativa:</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Formação dos grupos (heterogêneos, aleatórios, escolha dos alunos, Interesse comuns)</li> <li>2. Estruturas de interdependência positiva (objetivos, tarefas, recursos, papeis, divisão do trabalho, recompensas)</li> <li>3. Ensino explícito de competências relações interpessoais, de cooperação ou colaboração</li> <li>4. Reflexão sobre as competências sociais, as competências académicas ou a dinâmica de grupo</li> <li>5. Clima propício à construção de espírito de grupo, confiança ou das normas cooperativas</li> </ol>

- |   |
|---|
| 6. Estrutura de grupo<br>7. Organização do grupo<br>8. Papel do professor |
|---|

(SERRA, 2007, p. 39)

De acordo com Fontes e Freixo (2004, p. 29) “um dos aspectos mais importantes da aprendizagem cooperativa passa pela aceitação, por parte de todos os elementos do grupo, de que só podem atingir os seus próprios objetivos se os restantes membros atingirem os deles, verificando-se assim uma interdependência

positiva”. Cada elemento do grupo não pode ter sucesso sem os outros.

Lopes e Silva (2009) mencionam mais de cinquenta benefícios da aprendizagem cooperativa. Estes benefícios podem ser sumariados em quatro grandes categorias (sociais, psicológicos, académicos e de avaliação) e são apresentados na tabela abaixo:

categorias	Dimensões
Benefícios sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimula a desenvolver as relações interpessoais;</li> <li>• Promove respostas sociais em relação aos problemas e estimula um ambiente de apoio à gestão de resolução de conflitos;</li> <li>• Cria um sistema de apoio mais forte;</li> <li>• Encoraja a responsabilidade pelos outros;</li> <li>• Desenvolve um maior número de relações heterogéneas positivas;</li> <li>• Encoraja a compreensão da diversidade;</li> <li>• Encoraja uma maior capacidade dos alunos para serem as situações, assumindo as perspectivas dos outros (desenvolvimento da empatia);</li> <li>• Estabelece uma atmosfera de cooperação e ajuda em toda a escola;</li> <li>• Os alunos são ensinados como criticar ideias, não pessoas;</li> <li>• As salas de aula cooperativa podem ser usadas para modelar ou exemplificar comportamentos sociais desejáveis e situações de emprego em que se utilizam equipas e grupos;</li> <li>• Os alunos praticam a modelagem social e os papéis relacionados com o trabalho;</li> <li>• Fomenta o espírito de constituição da equipa e a abordagem da equipa para a resolução de problemas ao mesmo tempo que mantém a responsabilidade individual;</li> <li>• Fomenta a prática do desenvolvimento de competências de liderança;</li> <li>• Aumenta as competências de liderança dos alunos;</li> <li>• Proporciona os fundamentos para o desenvolvimento de comunidade de aprendizagem nas instituições e nos cursos;</li> <li>• Ajuda os professores a deixarem de ser o centro do processo de ensino aprendizagem centrada no processo de ensino para se tornarem facilitadores da aprendizagem, permitindo a passar a aprendizagem centrada no professor para a aprendizagem centrada no aluno.</li> </ul>
Benefícios psicológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promove o aumento da autoestima;</li> <li>• Melhora a satisfação do aluno com as experiências de aprendizagem;</li> <li>• Encoraja os alunos a procurar ajuda a aceitar a tutoria dos outros colegas;</li> <li>• A ansiedade na sala de aula é significativamente reduzida com a aprendizagem cooperativa;</li> <li>• A ansiedade nos testes é significativamente reduzida;</li> <li>• Cria uma atitude mais positiva dos alunos em relação ao professor, elementos do conselho executivo e outros agentes educativos e uma atitude mais positiva dos professores em relação aos seus alunos;</li> <li>• Estabelece elevada expectativa para alunos e professores.</li> </ul>
Benefícios académicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolve competências de pensamento de nível superior;</li> <li>• Estimular o pensamento crítico e ajuda os alunos a classificar ideias da discussão e do debate;</li> <li>• O desenvolvimento das competências e da prática podem ser melhorados e tornarem-se menos aborrecidas por meio das atividades de aprendizagem cooperativa dentro e fora de aula;</li> <li>• Desenvolver as competências metacognitivas nos alunos;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Proporciona treino sobre as estratégias de ensino eficazes para a próxima geração de professores;</li><li>• Ajuda os alunos a deixarem de considerar os professores como as únicas fontes de conhecimento e saberes;</li><li>• Promove os objetivos da aprendizagem em vez dos objetivos de desempenho;</li><li>• Permite aos alunos desempenharem um sentimento de controle sobre a tarefa;</li><li>• Melhora o rendimento escolar dos alunos e a assiduidade às aulas;</li><li>• Contribui para o desenvolvimento de uma atitude mais positiva em relação às matérias escolares;</li><li>• Aumenta a capacidade de retenção do aluno;</li><li>• Aumenta a persistência dos alunos na conclusão dos exercícios e a probabilidade de serem bem-sucedidos na conclusão dos mesmos;</li><li>• Os alunos permanecem mais tempo na tarefa e apresentam menos problemas disciplinares;</li><li>• Promove a inovação nas técnicas de ensino na sala de aula;</li><li>• Desenvolve a demonstração ou exemplificação de técnicas de resolução de problemas pelos colegas;</li><li>• Permite a atribuição de tarefas mais desafiadoras sem tomar a carga de trabalho excessiva;</li><li>• Os alunos mais fracos melhoram o seu desempenho quando se juntam com colegas que têm melhor rendimento escolar;</li><li>• Proporciona aos alunos que têm melhores notas a compreensão mais profunda que apenas resulta de ensinarem a matéria aos outros;</li><li>• Leva à produção de mais e melhores questões na aula;</li><li>• Os alunos exploram soluções alternativas para os problemas num ambiente seguro;</li><li>• Permite atender às diferenças de estilos de aprendizagem dos alunos;</li><li>• É especialmente útil a aprendizagem das línguas estrangeiras em que as interações que envolvem o uso da língua são importantes;</li><li>• É especialmente importante no ensino da matemática;</li><li>• Enquadra-se bem na abordagem construtivista de ensino-aprendizagem.</li></ul>
Benefícios na avaliação	<ul style="list-style-type: none"><li>• Proporciona formas de avaliação alternativas tais como a observação de grupos, avaliação do espírito do grupo e avaliações individuais escritas curtas;</li><li>• Proporcionar feedback imediato aos alunos e ao professor sobre a eficácia de cada turma e sobre o progresso dos alunos, a partir da observação do trabalho individual e em grupo;</li><li>• Os grupos são mais fáceis de supervisionar do que os alunos individualmente.</li></ul>

(LOPES e SILVA, 2009, pp. 50-51)

Ao verificarmos todos esses benefícios, fica evidente que é uma metodologia a ser vivenciada pela escola moderna a fim de gerar um maior rendimento e preparação do educando para a vida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo partindo de questionamentos sobre a efetivação da aprendizagem significativa por meio da Aprendizagem Cooperativas, O estudo aqui realizado mostra que a educação passa por novas mudanças paradigmáticas onde a sala de aula passa a ser um ambiente propício para interações entre professores e alunos, onde ambos devem revisar os seus papéis, muitas vezes cristalizados no cotidiano escolar.

Diante desse contexto, pôde-se observar que a Aprendizagem Cooperativa emerge como sendo uma estratégia de ensino e aprendizagem que pode contribuir para uma melhora significativa a Educação Brasileira, pois contribui para a participação, autonomia e desenvolvimento dos educandos, ou seja, enraizada no desejo do aluno em aprender e na disponibilidade real do

professor de assumir o seu lugar de acompanhante do aluno, e não dirigente, no seu caminho de conhecimento.

O objetivo maior deste trabalho é divulgar a estudantes, professores, pesquisadores e demais profissionais da educação que buscam uma educação “melhor” e igualitária, que é possível adotar a Aprendizagem Cooperativa nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem e em turmas de várias faixas etárias, pois apresenta uma correspondência entre teoria e prática pedagógica, podendo ser adaptado as suas realidades cotidianas, com o objetivo de uma aprendizagem significativa em sala de aula.

É com muita alegria e satisfação que concluo este trabalho e que tudo o que foi colhido até aqui de referência bibliográfica, aponta para o sucesso desta pesquisa, sabendo que, o tema abordado não é passível de delimitação. O que espero, na verdade, é provocar novos diálogos e reflexões acerca da implementação da aprendizagem significativa e sobre novos paradigmas metodológicos educacionais que ajude a melhorar o panorama educacional no nosso país.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, RMN; JÓFILI, Z. **Aprendizagem cooperativa e ensino de Química - Parceria que dá certo.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n1/04.pdf> . Artigo do Mestrado, publicado em dez. 2003. Acesso em: 05 dez. 2015.

FIRMIANO, E. P. - **Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula - PRECE.** Apostila, 2011. Disponível em <file:///G:/Projeto%20da%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado/APOSTILA%20DE%20Aprendizagem%20Cooperativa%20-%20Autor-%20Ednaldo.pdf> > Acesso em: 15 nov. 2015.

FONTES, A. e FREIXO, O. (2004). **Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa.** Lisboa: Livros Horizonte.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

JHONSON, D. W.; JOHNSON, R.T.; KARK, A **Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades:** qual é a evidência de que funciona? Smith in Change. Vol. 30.Julho/Agosto 1998. Disponível em <http://www.andrews.edu/~freed/ppdfs/readings.pdf> Acesso em 05 jan. 2016.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências profissionais e profissão docente.** 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção questões da nossa época; 67).

LOPES, J.; SILVA, H. S. **A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um Guia Prático para o Professor.** Porto: Lidel – Edições Técnicas Ltda, 2009.

MENEZES. E. T. - **APRENDIZAGEM COOPERATIVA - Comunidades de Aprendizado:** Criando Conexões entre Estudantes, Professores e Disciplinas, 2001. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=52> . Acesso em: 18 dez. 2015.

NUNES, C. S.; BARBOSA, M.; MOISÉS, T. **A Aprendizagem em Células Cooperativas e a Efetivação da Aprendizagem Significativa em Sala de Aula.** Revista NUFEN, v.3 n.1, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912011000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912011000100003&script=sci_arttext) Artigo do Mestrado em Psicologia pela UFC. Acessado em 25 nov. 2015.

PRECE. **Programa de Educação em Células Cooperativas. Histórico.** Disponível em: [www.prece.ufc.br](http://www.prece.ufc.br). Acesso em: 12 dez. 2015.

PROGRAD. Pró-reitoria de Graduação. Universidade Federal do Ceará. Coordenadorias. Disponível em: [www.prograd.ufc.br](http://www.prograd.ufc.br). Acesso em 16 dez. 2015.

RIBEIRO, C. P. F. – **O Trabalho de Grupo Cooperativo nas disciplinas de História e Geografia.** Dissertação do Mestrado em Ensino de História e Geografia. Faculdade. Porto: UPorto, 2013.

RODRIGUES. P. B. **Prática de Ensino Supervisionado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico.** Tese de Mestrado IPB Instituto Politécnico de Bragança. Bragança 2012. Disponível em:>[www.bibliotecadigital.ipb.pt](http://www.bibliotecadigital.ipb.pt)> acesso em 26 dez. 2015.

WOOD, J. K. et al (Org.). **Abordagem Centrada na Pessoa.** 4.ed.Vitória: EDUFES, 2008.